

GEAP - PATRONAL
HOSPITAL - MATERNIDADE
PLANTÃO 24 HORAS
TEMOS CONVÊNIO
CESMED
228-2090 - 228-1910

A GAZETA

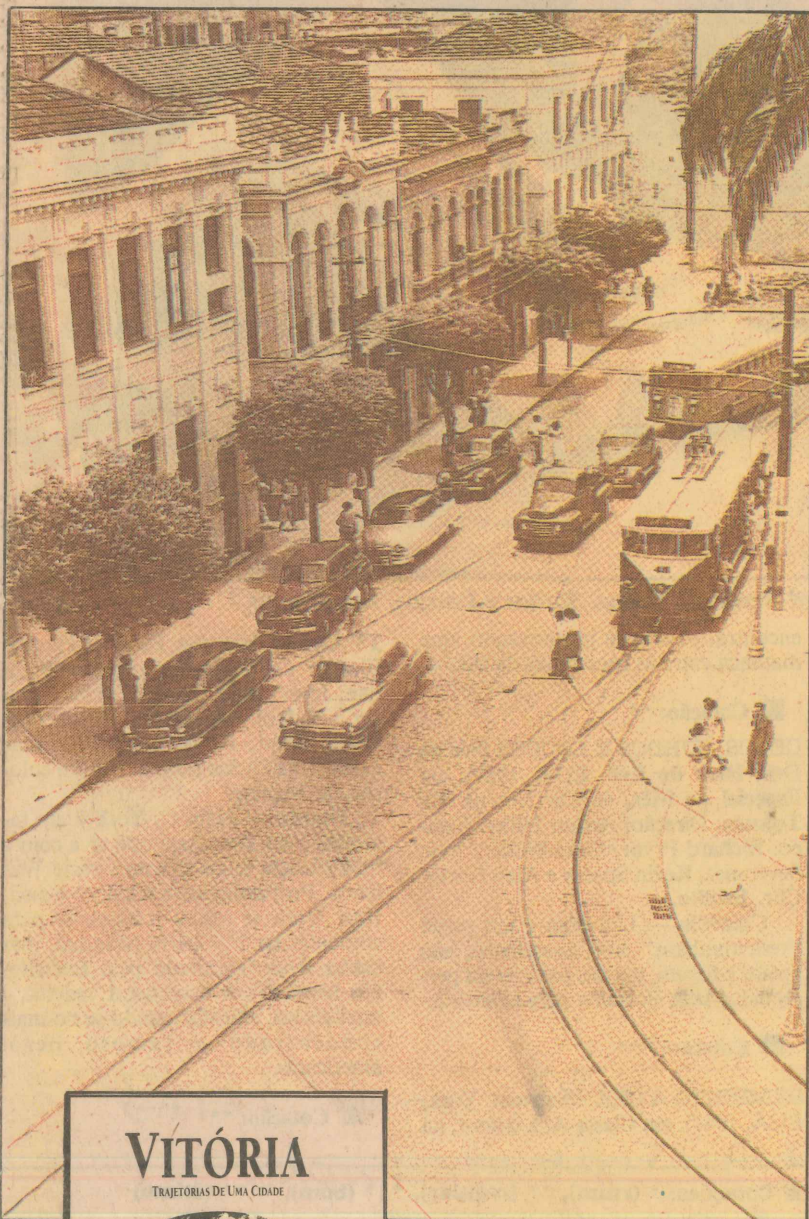
Caderno Dois

GEAP - PATRONAL
CONSULTAS MÉDICAS,
ESPECIALIDADES, OFTALMOLOGIA,
RAIO X, PEDIATRIA,
PLANTÃO 24 HORAS.
TEMOS CONVÊNIO
CESMED
227-1522 - 228-2090

AJ20378

Vitória (ES), quarta-feira, 25 de agosto de 1993

Fotos de Pedro Fonseca



Carnaval na Praça Oito. O Bairro Santo Antônio ganha linha de ônibus

Ilha de ilusão ou cidade enclausurada?

Pupa Gatti

Na Livraria A Edição — Avenida Luiz Manoel Veloso, 635, loja 14, Jardim da Penha, tel. 225-1360 —, **Vitória: Trajetórias de Uma Cidade**, um trabalho cui-

dadoso organizado pelo professor João Gualberto Moreira Vasconcelos, com textos dele mesmo, de Carol Abreu e de Janes De Biasi Martins, vai ser apresentado esta tarde. A partir de 18 horas, os autores recebem os convidados.

“O meu livro é uma pergunta e uma resposta: a Lei Rubem Braga. Ela não pode sair”, pede; quase

um favor a sua ilha. Através do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, o projeto foi encaminhado à Prefeitura. Analisado e aprovado, ganhou forma. Com projeto gráfico de Nenna B, 167 páginas, CR\$ 500,00, foi impresso um estudo minucioso sobre Vitória. Sua vida de colônia, província, cidade e capital violenta, assusta-

da, acuada, poluída, com nomes ilustres e outros menos, trata disso o volume. Oferece soluções na medida em que traça contornos, resgata raízes. Hoje, “ilha da ilusão”, “minha vida”, “esperança”, “sol” e “presépio”. Amanhã, uma Vitória “Nova York do Hemisfério Sul” ou “só São Benedito”.

VITÓRIA
TRAJETÓRIAS DE UMA CIDADE



Carol Abreu
Janes De Biasi Martins
João Gualberto Moreira Vasconcelos

A Praça Costa Pereira e seus carros de aluguel. Ao lado, o bonde 45

Colônia de açúcar e ferro

Como tantas povoações litorâneas do Brasil Colônia, a de Nossa Senhora da Vitória nasceu ligada à implantação de uma ordem mundial que iniciava o século XVI incorporando parte do continente americano ao poderio territorial de Portugal.

Nessa contraditória vitória planejada na Metrópole, construída no cotidiano de uma população pequena e diferenciada, formada de civis e soldados portugueses missionários, indígenas e escravos africanos, as expectativas e os destinos se cumpriam na determinação de enriquecer, na resignação em sobreviver e na esperança de ter a alma salva.

As terras eram extensas, mas impenetráveis. Ouro e prata, se os havia, não estavam à flor da terra nem à beira-mar. Para que se alcançasse ou se produzisse riqueza eram necessários homens e armas, o que significava muito dinheiro... O donatário Vasco Fernandes Coutinho foi um dos que pagou o preço, entregando seus bens e sonhos de fortuna na Capitania do Espírito Santo.

Além dessas atividades e do trabalho de catequese nos aldeamentos mais afastados, os jesuítas controlavam o cotidiano da população, estimulando, tolerando ou reprimindo, palavras, atos e pensamentos.

A considerar a intensa migração durante os primeiros cem anos da Vila de Vitória, é de supor que a produção de açúcar e o comércio com Portugal fizessem desta ilha entreposto movimentado. São dessa época as notícias de envolvimento desses comerciantes no contrabando de açúcar de pau-brasil, no tráfico de índios para a Bahia, na devassa aberta contra os oficiais da Alfândega de Vitória, no comércio de escravos negros de Angola para o Rio de Janeiro — e dupla traição à Coroa —, na colaboração com os holandeses.

Em 1581, três naus francesas investiram contra a vila.

Em 1675, a Capitania do Espírito Santo havia sido comprada pelo rico fazendeiro baiano Gil de Araújo, com a primitiva motivação de colonizador: o sonho do ouro e da serra das esmeraldas.

Colônia dentro da Colônia, subordinada ora ao Rio de Janeiro, ora à Bahia, sempre à Corte, Vitória permaneceu afastada do movimento comercial com o exterior.

Em resumo, a descoberta do ouro em Minas representou, simultaneamente, a tábua de salvação da crise do império português e o atraso da Capitania do Espírito Santo.

Um passado colonial marcado pelo monopólio, pelo isolamento e pela repressão à liberdade e à autonomia nas várias dimensões da cultura que se formava, e a que corresponderam pontuais manifestações de rebeldia e tácitas formas de convivência, algumas das quais resistem até os dias atuais.

Carol Abreu



João Gualberto, Carol e Janes: redescobrimo a cidade-presépio

Província triste, amedrontada

“O que podemos fazer para humanizar o nosso cotidiano?”, me pergunta João Gualberto, e nas entrelinhas aos leitores de **Vitória — Trajetória de Uma Cidade**. “A idéia minha de fazer o livro é ajudar um pouco a refletir sobre a cidade. O discurso esquizofrênico esgotou. A solução dos problemas de Vitória passa pelo reconhecimento de sua identidade”, constata o estudioso.

Ajudado pela teoria do imaginário social desenhada pelo filósofo grego radicado em Paris, Cornelius Castoriades, Gualberto desembarcou na ilha. “Ficamos meio zonzos,” confessa. “Precisamos nos encontrar coletivamente. Vitória

é uma cidade que cresceu com base na contradição entre o belo e o funcional. O esforço deve ser feito no sentido de aproximar o belo do funcional. Não temos um movimento social com repercussão à altura dos talentos locais”, adverte.

Não estamos sós, se isso consola. “A sociedade brasileira não tem referências”, fala triste. “É produto da nossa herança autoritária. Temos que construir nossa cidadania. O discurso da ditadura foi o do Brasil potência, que massacrou as diferenças regionais. De repente, você vê tanta barbaridade feita em nome do progresso. E se alguma coisa deve ser feita pelas cidades é caminhar em direção a si mesmas”.

Cidade de mar e congo

O Espírito Santo defrontou-se com dois grandes entraves ao seu desenvolvimento: o primeiro, na expansão açucareira, entre 1570 e 1650, período caracterizado por uma conjuntura de conflito entre as grandes nações da época, quando os mares viviam repletos de corsários franceses, ingleses e holandeses, e os donos do capital comercial viviam em busca de um porto seguro para seus investimentos. O segundo entrave deve-se à legislação portuguesa no período da mineração, que colocou uma camisa-de-força nos capixabas ao proibir a conquista do interior e o intercâmbio comercial com a região das Minas Gerais, que fazia parte do antigo sertão da donataria de Vasco Fernandes Coutinho.

A educação vivia em completo abandono... No início era apenas uma sala de aula que funcionava no antigo Colégio dos Jesuítas. Em 1843, além de duas escolas de primeiras letras, uma para o sexo masculino e outra para o feminino, havia em Vitória um colégio de instrução literária, com o título de Liceu, onde se ensinava latim, francês, geografia, filosofia racional, moral-botânica e música.

Em 1818, o naturalista francês Saint-Hilaire, de passagem por Vitória, foi o primeiro a anotar o vocábulo Capixabi, com a designação de planta. Capixabas, eram os nascidos em Vitória; depois, a designação estendeu-se a todos os nativos do Estado.

Com pompa, Vitória festejou a Independência e a elite local passou a conviver com a recente nacionalidade brasileira. Em 1823, a antiga Vila de Nossa Senhora da Vitória foi elevada à categoria de Cidade e, com a nova divisão territorial, a Capitania foi denominada de Província e passou a ser governada por Presidente nomeado.

Até o século XIX, as festas de São Benedito estavam entre os maiores acontecimentos da cidade. O profano e o religioso se misturavam.

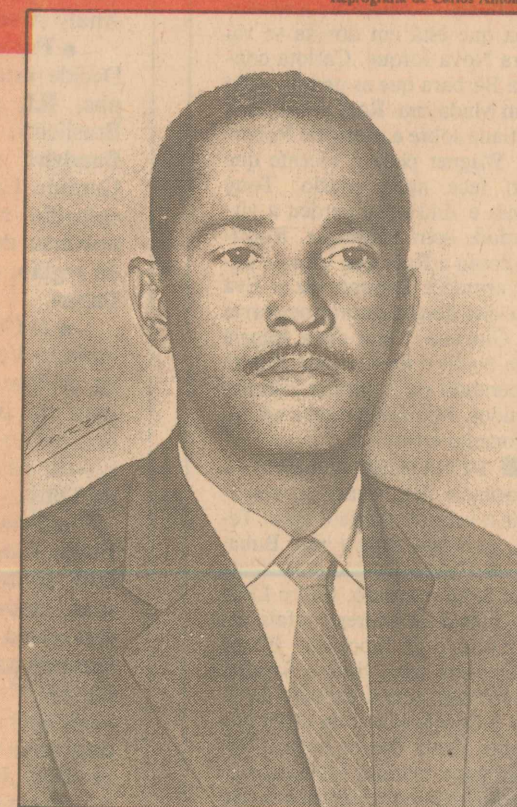
Em plena proibição do tráfico negreiro, o Barão de Itapemirim (Joaquim Marcelino da Silva Lima) transformou Vitória em um centro de operações de contrabandistas.

Quanto ao porto, desde 1881 as elites de Vitória vinham lutando para ultrapassar a fase de cidade-cais... Em 1906 foi criada a Companhia Porto de Vitória.

Janes De Biasi Martins

Prefeitos de Vitória

- Ceciliano Abel de Almeida, engenheiro, 1909
- José Bernardino Alves Jr., bacharel, 1909/1910
- Antônio F. de Athayde, engenheiro, 1910
- Cassiano Cardoso Castelo, bacharel, 1910/1911
- Wlademiro F. da Silva, farmacêutico, 1911/1913
- Washington Pessôa, bacharel, 1913
- Euclides Camargo, agrimensor, 1913/1914
- Washington Pessôa, bacharel, 1914/1916
- Henrique de Novaes, engenheiro, 1916/1920
- Euclides Camargo, agrimensor, 1920
- José de Souza Monteiro, engenheiro, 1920
- Antônio Pereira Lima, bacharel, 1920/1924
- Otávio Índio do Brasil, comerciante, 1924/1928
- Moacyr Monteiro Avidos, engenheiro, 1928/1930
- Asdrubal Martins Soares, engenheiro, 1930/1933
- Laerte Rangel Brígido, engenheiro, 1933
- Augusto Seabra Muniz, engenheiro, 1933/1935
- Álvaro Sarlo, engenheiro, 1935/1936
- Paulino Muller, médico, 1936/1937
- Américo Poli Monjardim, médico, 1937/1944
- Henrique de Novaes, engenheiro, 1945
- Danton Bastos, bacharel, 1945/1946
- Nelson Goulart Monteiro, bacharel, 1946
- Américo Poli Monjardim, médico, 1946/1947
- Ceciliano Abel de Almeida, engenheiro, 1947/1948
- Álvaro de Castro Mattos, tabelião, 1948/1951
- José Ribeiro Martins, engenheiro, 1951/1953
- Armando Duarte Rabello, bacharel, 1953/1955
- Serynes Pereira Franco, médico, 1955
- Adelpho Poli Monjardim, escritor, 1955/1957
- Mário Gurgel, bacharel, 1957/1958
- Oswaldo Cruz Guimarães, comerciante, 1958/1959
- Adelpho Poli Monjardim, escritor, 1959/1963
- Solon Borges Marques, bacharel, 1963/1966
- Jair Andrade, médico, 1966/1967
- Setembrino Pellissari, bacharel, 1967/1970
- Jair Cruz do Nascimento, militar, 1970
- Décio Thevenard, engenheiro, 1970/1971
- Luiz Carlos Peixoto, bacharel, 1971
- Chrisogono Teixeira, engenheiro, 1971/1975
- Lúcio Toscano Aragon, economista, 1975
- Setembrino Pellissari, bacharel, 1975/1978
- Carlos Monjardim, militar, 1978
- Wander José Bassini, bacharel, 1978/1979
- Wlamir Coelho da Silva, militar, 1979
- Carlos Von Schilgen, médico, 1979/1982
- Wallace Vieira Borges, bacharel, 1982
- Rudy Maurer, bancário, 1982/1983
- Wlamir Coelho da Silva, militar, 1983
- Victor Martins, administrador, 1983
- Berredo de Menezes, bacharel, 1983/1984
- Moacyr Cypreste, militar, 1984
- Berredo de Menezes, bacharel, 1984/1985
- Estanislau Stein, economista, 1985
- José Moraes, médico, 1986/1986
- Hermes Laranja, economista, 1986/1988
- Vitor Buaiz, médico, 1989/1992
- Paulo Hartung, economista, 1993



Mário Gurgel, representando setores populares, mudou o jogo político

LOJAS OKAY
LOJAS DA FABRICA

PREÇO À VISTA?

no Cartão
1+1 ou
cheque p/ dia 01/09

Praia do Canto: Praia Shopping Il. 13, fone: 225-9424
Centro: Galeria Banco Mineiro Il. 21, fone: 223-1543
Vila Velha: Centro Com. V. Velha 1o piso, Il. 48 - f.: 329-1335

**ALUGUE TRANQUILIDADE.
ALUGUE UM CARRO.**

TROCA DE ÓLEO,
TROCA DE BATERIA,
TROCA DE PNEUS,
TROCA DE MECÂNICO,
TROCA DE PALAVRÕES...
PARE COM ESSES
ABORRECIMENTOS.
ALUGUE UM CARRO
E RODE TRANQUILO,
E ENJOAR DO MODELO,
CROCAMOS PARA VOCE.

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO.

KING
rent a car
Locadora de Automóveis



711, fax: 327-1331, toll free: (027) 800 20 44

ALUGUE UMA BOA IDEIA. ALUGUE UM CARRO.
Associação Brasileira das Locadoras de Automóveis